



MAIÊUTICA URBANIDADES

2024 - ED.1 - VOL. 7

ISSN - 2966-2109



Maiêutica

Revista



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI

Beco Doutor Pedrinho, 79 - Bairro: Rio Morto

89082262 - Indaial/SC

www.uniasselvi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

MAIÊUTICA URBANIDADES
UNIASSELVI 2024

CEO VITRU EDUCAÇÃO

William Victor Kendrick de Matos Silva

VICE-PRESIDENTE OPERAÇÃO EAD UNIASSELVI

Ricardo Grima Fernandes

REITORA DA UNIASSELVI

Neuzi Schotten

**PRÓ-REITOR DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PRESENCIAL UNIASSELVI**

Adriano Luís Fonseca

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO A
DISTÂNCIA UNIASSELVI**

Márcia de Souza

COMISSÃO EDITORIAL

Estelamaris Reif

Gerson Faustino Rosa

Grazielle Jenske

Ivone Fernandes Morcilo Lixa

Kevin Daniel dos Santos Leyser

Liliani Carolini Thiesen

Luis Augusto Ebert

Maria Cecília Miotto

Pedro Sidnei Zanchett

Roseane Leandra Da Rosa

Táise Ceolin

EDITORES CHEFE

Gerson Faustino Rosa

Luis Augusto Ebert

Pedro Sidnei Zanchett

SUPERVISORES DE PUBLICAÇÃO

Paula Renata dos Santos Ferreira

Eduardo Antunes Anderson

Antonio Eduardo Nicacio

Derick Rantin

Marcelo Sanches Tonolli

REVISÃO

Marcio Kisner

Sarah Mariana Longo Carrenho Cocato

Bruna Da Silva

Carlos Augusto Brito Oliveira

Cristina Maria Costa Wecker

Elias José Lascoski

Dener Kopsch Alves

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Diogo Ribeiro Garcia

Arthur Cantareli Silva

Camila Luiza Nardelli

PUBLICAÇÃO ON-LINE

Propriedade do Centro Universitário
Leonardo da Vinci

CONSELHO EDITORIAL

Bruna Soares
Edilson Pereira
Luis Augusto Ebert
Marcelo Danielski

COORDENAÇÃO DA REVISTA MAIÊUTICA

Luis Augusto Ebert

EDITOR DA REVISTA MAIÊUTICA

Marcelo Danielski

APRESENTAÇÃO

A Revista Maiêutica Urbanidades com satisfação, apresenta a você artigos específicos das áreas de arquitetura, urbanismo e também relacionados às cidades inteligentes e sustentáveis. A concepção do conhecimento descrito nestes textos está associada à construção de instrumentos de forma coletiva, propiciando a interação dos atores pedagógicos que integram o nosso processo de ensino-aprendizagem. Estamos passando por uma era em que os avanços tecnológicos são imensuráveis e possuem uma velocidade inatingível. Cada vez mais, as tecnologias substituem o trabalho humano, deixando os processos industriais mais automatizados, mais rápidos e, a longo prazo, mais baratos. Tem-se como resultado da construção destes novos saberes a condição de contribuirmos para momentos de reflexão, de análise crítica, de constatações diante de realidades diversas, fatos ou teorias, processos e formas de gerar conhecimento e conceber projetos, gerando não somente respostas, mas igualmente novas perguntas que poderão nos conduzir a novas investigações. Compreender a relevância da produção destes textos acadêmicos significa reconhecer o papel dos profissionais nas áreas correlatas à revista, com habilidades e competências em suas áreas de atuação, na condição de agentes de transformação da sociedade em que se encontram inseridos. Perceber a realidade do mundo, analisar as diversas perspectivas de condução das ações e atividades de uma comunidade, colaborar para a solução de problemas, propor inovações são iniciativas que têm como fonte a organização e a disposição do conhecimento. Aproprie-se destes conteúdos, saiba mais, construa seu saber. Seja bem-vindo a um pedaço de nossa história da construção do conhecimento. Convidamos você a conhecê-la. Boa leitura!

SUMÁRIO

8

**HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, URBANISMO E
PAISAGISMO II - APONTAMENTOS SOBRE A APLICAÇÃO DA
DISCIPLINA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

*History and theory of architecture, urbanism and landscape II – notes about
the subject in the Architecture and Urbanism academic course*

Marcelo Danielski1



MARCELO DANIELSKI¹

HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO II - APONTAMENTOS SOBRE A APLICAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

*History and theory of architecture, urbanism and landscape II – notes about
the subject in the Architecture and Urbanism academic course*

ARTIGO 1

08-19

¹ Professor do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) em Indaial/SC.
E- mail: marcelodanielski@yahoo.com

Resumo: Este trabalho pretende relatar a experiência do docente em sala de aula, socializando aspectos sobre a aplicação da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo II no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAVINCI em 2016. Sua justificativa reside na importância de relatar como a disciplina é trabalhada com foco em perfil profissional específico, notadamente vinculada à arquitetura paleocristã, românica, gótica, renascentista, barroca, neoclássica e neogótica, conectando-a com habilidades e competências voltadas à formação de arquitetos e urbanistas. Assim, a produção acadêmica concentrou-se no desenvolvimento de análise textual crítica e de análise iconográfica crítica, ambas em grupos. A primeira, sobre as principais características e diferenças entre igrejas românicas e góticas, e a segunda, sobre a classificação de imagens de edificações representativas em seus respectivos estilos arquitetônicos: românico, gótico, renascentista ou barroco. Baseada na tipologia descritiva, o trabalho aborda procedimentos técnicos de caráter bibliográfico e documental no relato de ações voltadas ao processo de aquisição de conhecimento.

Palavras-chave: Paleocristianismo. Românico. Gótico. Renascimento. Barroco.

Abstract: This work intends to report the classroom experience, socializing aspects about the subject of History and Theory of Architecture, Urbanism and Landscape I in the Architecture and Urbanism academic course. Its justification is in the importance of conveying how the subject is focused on specific professional profile, notably linked to the paleochristian (early christian) architecture, romanesque, gothic, renaissant, baroque, classic revival (neoclassic), gothic revival (neogothic), connecting it to abilities and competences which are aimed to the formation of architects and urbanists. Thus, the academic production concentrated in the elaboration of authorial text (critical analysis) and building classification in architectural styles (iconographic analysis), both in groups. First, about the main characteristics and differences between romanesque and gothic churches, and second, about classification of representative buildings images in 4 styles: romanesque, gothic, renaissantist or baroque. Based on descriptive typology, the work presents technical procedures of bibliographic and documental character to show actions directed to the process of knowledge acquisition.

Keywords: Paleochristian. Romanesque. Gothic. Renaissance. Baroque.

INTRODUÇÃO

O relato a seguir envolve a experiência do docente em sala de aula, em 2016, ano em que a disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo II foi ofertada na modalidade presencial, no 5º semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Leonardo da Vinci – Santa Catarina (FAVINCI). Ressalta-se que não cabe ao trabalho coletar e apresentar dados estatísticos, muito menos generalizar resultados, mas socializar as estratégias adotadas para alcançar os objetivos evidenciados em ementa da disciplina (FAVINCI, 2016b). Destaca-se que, por ser um relato de caráter descritivo, este trabalho não almeja um estudo profundo e exaustivo sobre metodologia de ensino, não avançando em soluções no processo de ensino-aprendizagem.

Com o intuito de tornar este processo mais atraente, a disciplina foi trabalhada com foco no perfil profissional, avançando no entendimento da história da arquitetura, urbanismo e paisagismo, considerando arquitetura paleocristã; arquitetura românica, gótica e urbanismo medieval; arquitetura e urbanismo renascentista; arquitetura e urbanismo barroco; arquitetura neoclássica, neogótica e ascensão da Revolução Industrial.

Quanto à aplicação da disciplina, arquitetura paleocristã, românica e gótica, além do urbanismo medieval, foram trabalhados no chamado 1º bimestre (FAVINCI, 2016a). Na arquitetura paleocristã foi explorada a decadência do império romano e a ascensão do cristianismo, com foco na basílica de caráter religioso. Já na arquitetura românica e gótica, mais urbanismo medieval, foram explorados a queda do império romano, a ascensão da idade média e a consolidação do cristianismo, com destaque para a planta baixa em formato de cruz latina e os elementos arquitetônicos representativos das igrejas românicas e das catedrais góticas. Além disso, destacou-se a típica cidade medieval, com limite definido por muralha e ruas sinuosas dispostas em terreno acidentado.

Ainda sobre a aplicação da disciplina arquitetura e urbanismo renascentista; arquitetura e urbanismo barroco; arquitetura neoclássica, neogótica e ascensão da Revolução Industrial, que foram trabalhados no 2º bimestre (FAVINCI, 2016a); na arquitetura e urbanismo renascentista foram explorados a transição da idade média para a idade moderna, a ascensão do humanismo, a redescoberta dos valores da antiguidade clássica e as igrejas influenciadas pelo Panteão Romano, além de destacar a proposta teórica de cidade ideal para Sforzinda, na Itália. Já na arquitetura e o urbanismo barroco, destacou-se sua ascensão ligada à Contra Reforma, em resposta à Reforma Protestante, o ressurgimento de valores teocêntricos, a igreja como edificação representativa, a planta baixa e fachadas ondulantes e a ostentação visual de interiores, além de elementos do barroco no desenho de cidades como Roma, Versalhes e Paris. Sobre a arquitetura neoclássica, destacou-se a ascensão do Iluminismo, a razão prevalecendo sobre o sentimento, o templo da antiguidade clássica como principal fonte de inspiração e os avanços tecnológicos da Revolução Industrial, enquanto na arquitetura neogótica foi destacado o interesse pela idade média e a revalorização da estética gótica, principalmente na Inglaterra e França. E quanto ao urbanismo no século XVIII, com valores que avançaram até meados do século XIX, explorou-se a noção de cidade liberal, com a liberdade do indivíduo, que alcançou diferentes campos do conhecimento humano, refletindo-se também em liberdade urbana, com cidades não organizadas e não reguladas pela municipalidade. Como complemento à arquitetura do século XIX, frisou-se duas importantes vertentes do paisagismo, vinculadas ao jardim francês e ao jardim inglês.

Apesar de envolver aspectos que extrapolam o campo específico da arquitetura e urbanismo, como contextualizações vinculadas à história social, pretende-se que sua aplicação seja específica, relacionando-a com as habilidades e competências voltadas à formação de arquitetos e ur-

banistas (FAVINCI, 2016c). A partir da rotina em sala de aula, este trabalho aborda procedimentos técnicos de caráter bibliográfico e documental no relato de ações voltadas ao processo de aquisição de conhecimento.

PLANO DE ENSINO E METODOLOGIA DE AULA

No primeiro encontro, plano de ensino, cronograma, avaliações e frequência foram explorados em todo período de aula, além de informações adicionais sobre a disciplina. Estas informações, socializadas e projetadas em sala de aula, foram disponibilizadas em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), podendo ser consultadas pelo acadêmico em qualquer momento do semestre.

O plano de ensino foi integralmente trabalhado em sala de aula, sendo explorada a ementa, objetivos, unidades de ensino, justificativa da disciplina, avaliação, metodologia, bibliografia básica e bibliografia complementar (FAVINCI, 2016b).

Quanto à avaliação, a média semestral é composta por duas notas bimestrais, cada qual resultante de uma avaliação parcial e uma avaliação oficial. A avaliação parcial é de gerenciamento do professor, enquanto a avaliação oficial deve obedecer aos parâmetros estipulados pela instituição. Ou seja, o docente pode propor diferentes métodos avaliativos para compor a avaliação parcial.

No que se refere a esta disciplina, por opção do docente, foi utilizado o recurso de prova presencial, com desenvolvimento de análise textual crítica, para compor a avaliação parcial do 1º bimestre, e de análise iconográfica crítica, com a classificação de edificações em seus respectivos estilos arquitetônicos, para compor a avaliação parcial do 2º bimestre. Ambas avaliações foram em grupo, explorando as habilidades inerentes a esta condição (comunicação, liderança, negociar, planejar, raciocinar de forma lógica/ crítica/ analítica, relacionamento interpessoal, ser criativo,

tomar decisão, trabalhar em equipe multidisciplinar) (FAVINCI, 2016c).

Ainda no que se refere ao plano de ensino, destaca-se a metodologia de aula, dividida em três momentos distintos, de acordo com o modelo acadêmico proposto pela instituição: pré-aula, aula, pós-aula (FAVINCI, 2016c). No momento pré-aula, proposta de atividade orientada baseada em leitura prévia de conteúdo a ser explorado em sala de aula. Já no momento aula, a estratégia utilizada basicamente se consolida através de aulas expositivas dialogadas, com o uso de projetor multimídia. E no momento pós-aula, proposta de atividade orientada baseada em leitura (releitura e/ ou finalização de leitura definida em pré-aula) e disponibilização de perguntas/ reflexões que orientam o estudo para as avaliações.

PRIMEIRO BIMESTRE

Como já comentado, no 1º bimestre foram estudados os principais aspectos referentes à decadência do império romano e ascensão do cristianismo, basílica paleocristã, ascensão da idade média e consolidação do cristianismo, igreja românica, catedral gótica (Goitia, 1995; Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Glancey, 2007; Lewis, s.d.) e a típica cidade medieval (Mumford, 1988; Benévolo, 1997; Argan, 1998; Lynch, 1999; Danielski, 2020).

ARQUITETURA PALEOCRISTÃ

Sobre arquitetura paleocristã, foram estudadas a decadência do império romano e a ascensão do cristianismo, notadamente a partir do século IV; os símbolos cristãos e temas bíblicos em arte figurativa; as catacumbas como local de sepulcro (cemitério) e o sentimento de religiosidade; da basílica civil à basílica religiosa; de local de agrupamento de pessoas (edifício público

romano utilizado para atividades comerciais, administrativas, tribunais, audiências etc.) a local de culto (igreja); e os elementos arquitetônicos representativos da basílica: ábside, nave central, nave lateral, arco pleno, abóbada de berço ou canhão, clerestório, luz como elemento arquitetônico, mosaico, símbolos cristãos representando de modo visível a fé, dourado como alusão ao divino, representação humana em forma caricata.

Além disso, explorou-se a composição simplificada do interior e exterior da basílica; o estudo de massas/ volumétrico bem definido; a planta baixa basilical, vinculada a Roma (capital do Império Romano do Ocidente), e a planta baixa centralizada, vinculada a Constantinopla (capital do Império Romano do Oriente) (Goitia, 1995; Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Glancey, 2007; Lewis, s.d.).

ARQUITETURA ROMÂNICA, ARQUITETURA GÓTICA E URBANISMO MIEVEAL

Referente à arquitetura românica, evidenciou-se a queda do império romano e a ascensão da idade média; a regionalização do saber construir, notadamente nos séculos XI e XII; o românico como estilo regional, com métodos construtivos e de acabamento regionalizados, de alcance local; a planta baixa em formato de cruz latina e os elementos arquitetônicos representativos das igrejas: ábside, deambulatório, capela radiante/ absidíolo, transepto, cruzeiro, nave central, nave lateral, narthex, arco pleno e abóbada de berço ou canhão, clerestório.

Dentre os elementos representativos das igrejas românicas, destacou-se o uso de paredes espessas com poucas aberturas e luz focalizada, consolidando o princípio de fortaleza divina; avançando na noção de religiosidade em ambientes com pouca iluminação (Goitia, 1995; Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Glancey, 2007; Lewis, s.d.).

Sobre a arquitetura gótica, avançou-se na consolidação do cristianismo em solo europeu; a internacionalização do saber construir, notadamente nos séculos XIII e XIV; o gótico como estilo internacional, com métodos construtivos e de acabamento unificados, de alcance continental; a planta baixa em cruz latina e o desenvolvimento das cabeceiras das catedrais, principalmente com a ascensão do coro; os elementos arquitetônicos representativos das catedrais: evolução da abóbada medieval, da abóbada sem nervuras (berço ou canhão) à abóbada com nervuras (arestas), ábside, deambulatório, capela radiante/ absidíolo, transepto, cruzeiro, nave central, nave lateral, narthex, arco ogival, contraforte, arcobotante, pináculo, gárgula, verticalidade, clerestório, trifório, coluna fasciculada, vitral e ornamentação da parte superior de aberturas.

Dentre os elementos representativos das catedrais góticas, destacou-se o princípio da desmaterialização de paredes, delgadas e com muitas aberturas, explorando a luz difusa e em profusão em seus interiores, além da noção de religiosidade em ambientes com muita iluminação (Goitia, 1995; Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Glancey, 2007; Lewis, s.d.).

Com a ascensão do feudalismo e a desaceleração do ritmo de crescimento das cidades, os complexos arquitetônicos religiosos, dominados por mosteiros, conventos e abadias, tiveram importante papel na manutenção da cultura urbana, devendo ser autossuficientes a exemplo de uma cidade. Inclusive, enfatizou-se que importantes cidades européias ascenderam a partir da implantação destes complexos religiosos, indutores de crescimento urbano.

Quanto à cidade medieval, destacou-se que eventualmente era limitada por acidentes geográficos, porém, tipicamente cercada por muralha, com ruas irregulares dispostas em terreno acidentado. Apesar do traçado irregular e aparentemente caótico, elas formavam um espaço unitário, onde era possível orientar-se den-

tro da vizinhança. Dentre seus propósitos, não apenas vinculados ao tráfego de pessoas, mercadorias e transportes, tinha-se como local de parada, comércio e reuniões, convergindo para largos que configuravam praças, principal e secundária(s) (Mumford, 1988; Benévolo, 1997; Argan, 1998; Lynch, 1999; Danielski, 2020).

Assim, as cidades medievais de maior porte possuíam vários centros: um centro religioso, definido pela catedral e palácio episcopal; um centro político, definido pelo palácio da municipalidade, um ou mais centros comerciais, definidos por lojas e associações mercantis/ corporações. Dentre as edificações representativas, era a torre do palácio municipal e o campanário ou as torres da catedral que se destacavam no perfil da cidade. Quanto mais alta, mais importante era a edificação.

Diante desse quadro, elencou-se as características gerais, que unificavam as mais variadas cidades medievais: continuidade, complexidade, concentração e renovação (Benévolo, 1997, p. 282).

Continuidade, com o espaço unitário das vias irregulares e das moradias compactas evidenciando a idéia de continuidade espacial. Complexidade, com o espaço público servindo de palco para o jogo de interesses de diferentes poderes: religioso, civil e econômico. Concentração, com o centro da cidade sendo a área mais procurada, com as classes mais abastadas morando no centro e o mais pobres na periferia. Renovação, como um espaço em transformação, como um canteiro de obras, com sua expansão definida pela (re)construção da muralha.

VÍDEO DO 1º BIMESTRE

Como forma de revisitar o conteúdo explorado até o momento, trabalhou-se com o vídeo *O enigma das catedrais góticas* (NATGEO, 2010), com cerca de 45 minutos de duração, sobre a construção de catedrais góticas, notadamente da catedral de Beauvais, na França, considerada a mais alta do estilo no planeta, com cerca de 48 metros

de altura em sua nave (salão) central. Este vídeo reforçou alguns aspectos trabalhados em sala de aula, como o uso de arcos ogivais, arcobotantes e contrafortes, o que possibilitou a ascensão vertical das naves centrais dessas catedrais. Após o vídeo, com reflexão em nível coletivo e procurando envolver todos os acadêmicos, avançou-se para a avaliação parcial do 1º bimestre.

AVALIAÇÃO PARCIAL DO 1º BIMESTRE

A parcial 1 foi desenvolvida através de prova presencial, em grupo, sobre tema trabalhado em sala de aula e em leitura complementar até o momento da avaliação. Cada grupo desenvolveu texto de autoria própria (análise textual crítica), com possibilidade de consulta às anotações pessoais em caderno e aos textos de leitura obrigatória, sendo avaliada sua capacidade de contextualizar, analisar e criticar. Assim, os acadêmicos desenvolveram conteúdo a partir do seguinte contexto:

Considerem-se graduados, trabalhando em um mesmo escritório de arquitetura. Depois de alguns anos de trabalho, vocês decidiram que era hora de viajar para a Europa e conhecer algumas das igrejas que desde a época da graduação têm habitado seus imaginários como sendo as obras mais impressionantes construídas pelo homem. Já na Europa, após quatro semanas de intenso turismo por países como, por exemplo, Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha e Inglaterra, vocês resolveram entrar na agência de correio mais próxima e enviar uma carta para o professor Marcelo, que lecionava durante o seu período de graduação. Nesta carta, vocês evidenciarão os aspectos arquitetônicos que mais lhes impressionaram, considerando formas, volumes, estruturas, materiais, cores, elementos decorativos etc. Vocês devem evidenciar, como itens obrigatórios da carta, para fins de avaliação, as principais diferenças entre as igrejas românicas e góticas, demonstrando o que vocês aprenderam na disciplina. Lembrem-se de que quanto mais diferenças vocês evidenciarem,

maior tende a ser a nota da equipe. Caso vocês não lembrem de nomes de igrejas, descreva-as, sem a preocupação de transformar a carta em um tratado arquitetônico. Use a criatividade (todo arquiteto é criativo, certo?) para convencer o professor Marcelo a também viajar e conhecer algumas das principais igrejas européias!

Nesta avaliação, o importante para o docente foi a capacidade de argumentação de cada equipe, em resposta de cunho autoral com, no mínimo, uma página de texto. Esta avaliação gerou discussão entre os integrantes, principalmente no que se refere ao uso dos principais elementos arquitetônicos que caracterizam e diferem a arquitetura românica da arquitetura gótica, exercitando habilidades importantes para a formação profissional do arquiteto, especialmente o relacionamento interpessoal e o trabalho em equipe.

AVALIAÇÃO OFICIAL DO 1º BIMESTRE

No que se refere à avaliação oficial 1, esta foi aplicada de forma presencial, individual e sem consulta, englobando questões objetivas, podendo ser de múltipla escolha, análise de sentenças, verdadeiro ou falso, além de questões discursivas, procurando apresentar ao acadêmico uma realidade de avaliação comumente explorada em concursos públicos e ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Desse modo, a finalização do 1º bimestre ocorreu com esta avaliação (FAVINCI, 2016a, 2016b).

SEGUNDO BIMESTRE

No 2º bimestre, como evidenciado anteriormente, foram trabalhados a transição da idade média para a idade moderna, a ascensão do humanismo e a redescoberta dos valores da antiguidade clássica, as igrejas influenciadas pelo Panteão Romano (Lemos, 1989; Stevenson, 1998;

Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Summerson, 2006; Glancey, 2007; Polião, 2007), a cidade ideal renascentista (Mumford, 1988; Benévolo, 1997; Argan, 1998), a Contra Reforma católica, o ressurgimento de valores teocêntricos, as fachadas ondulantes e a ostentação das igrejas barrocas, os elementos do barroco no desenho de cidades (Kostof, 1991). Além disso, destacou-se a ascensão do iluminismo e a razão prevalecendo sobre o sentimento, o templo da antiguidade clássica como principal influência do neoclássico (Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Summerson, 2006; Glancey, 2007), os avanços tecnológicos da Revolução Industrial, o interesse pela idade média e a revalorização da estética gótica, a cidade liberal (Mumford, 1988; Benévolo, 1997; Argan, 1998) e duas vertentes do paisagismo, relacionadas ao jardim francês e ao jardim inglês (Holmes, 2001; Ferreira, 2020).

ARQUITETURA E URBANISMO RENASCENTISTA

Sobre a arquitetura renascentista, destacou-se o fim da idade média e a ascensão da idade moderna, notadamente nos séculos XV e XVI; a transição do feudalismo para o capitalismo; o declínio da excessiva espiritualidade e a ascensão do humanismo, com a redescoberta da cultura greco-romana e do tratado arquitetônico *De architectura*, de Vitruvius, do século I a.C. (Lemos, 1989; Polião, 2007); o florescimento cultural e científico; a autonomia da arte; o artista sendo comparado ao cientista e ao erudito e o papel do mecenas; com origem e maior expressão na Itália.

Com foco em arquitetura, avançou-se na noção de unidade e equilíbrio renascentista; composição baseada em cânones clássicos; eixo de simetria; perspectiva como ferramenta de projeto; uso de frontão, coluna e cornija (moldura); arco pleno e abóbada; as igrejas influenciadas pelo Panteão Ro-

mano e por novas técnicas construtivas de cúpulas; e os palácios renascentistas definidos por sua tripartição: base, corpo e coroamento.

Ainda sobre a arquitetura renascentista, é importante frisar a distinção entre projetar (arquiteto) e executar (construtor), com a ascensão de arquitetos como Brunelleschi, Bramante, Alberti, Palladio, Michelângelo e Vignola. Dentre os arquitetos citados, vale destacar os tratados arquitetônicos de Alberti, Palladio e Vignola, notadamente o deste último. Apesar de menos famoso, dissertou sobre as cinco ordens arquitetônicas: dórica, jônica e coríntia, vinculadas à antiguidade clássica; mais a ordem compósita, com capitel definido pelas volutas do jônico e folhas de acanto do coríntio; e a ordem toscana, com capitel simples como o dórico, mas com fuste liso, sem caneluras (Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Summerson, 2006; Glancey, 2007).

No que se refere ao urbanismo renascentista, foi explorada Sforzinda, proposta de cidade ideal teorizada por Filarete, em meados do século XV. Com intensa geometrização de seus limites (muralla) e da confluência de suas principais vias para a praça central, essa proposta nunca foi executada, sendo considerada uma resposta às congestionadas e não planejadas cidades do período medieval, com dificuldade de organização e controle por parte de seus governantes. Essa proposta influenciou o desenvolvimento de cidades fortificadas nos séculos seguintes, como Palmanova e Sabbioneta (Itália), no século XVI (Mumford, 1988; Benévolo, 1997; Argan, 1998).

ARQUITETURA E URBANISMO BARROCO

Sobre a arquitetura barroca, destacou-se sua ascensão ligada à Contra Reforma (Reforma Católica), notadamente nos séculos XVII e XVIII, em resposta à Reforma Protestante do início do sé-

culo XVI, com a religiosidade sendo expressa de forma dramática e intensa nas artes figurativas, procurando envolver e comover o espectador, a partir do ressurgimento de valores teocêntricos.

Na pintura, a unidade e o equilíbrio renascentista caem em desuso, com a ascensão da composição assimétrica, intenso jogo de luz e sombra, efeito de profundidade, cenas dramáticas e realismo. É um período de dualidade, de contrastes, de um jogo de poderes entre o divino e o humano, em que é exaltado o direito divino dos reis, consolidando as monarquias absolutistas européias.

Em arquitetura, destacou-se a maior liberdade compositiva, se comparada ao período renascentista; a igreja como edificação representativa do barroco; a planta baixa centralizada e em formato elíptico; as cúpulas com bases de formatos irregulares; o lanternim em espiral sobre a cúpula; os planos horizontais (plantas baixas) e verticais (fachadas) curvos e contracurvos (ondulantes); ostentação visual; opulência nas formas e excesso de ornamentação; sobreposição intensa de planos e volumes; frontões triangulares e curvos sobre aberturas; colunas duplas; colunas retorcidas; evidência dos espaços públicos (praças, jardins e fontes) e a rivalidade entre os arquitetos italianos Bernini e Borromini (Stevenson, 1998; Gympel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Summerson, 2006; Glancey, 2007).

Quanto ao urbanismo o barroco, avançou-se em elementos do barroco no desenho de cidades, observáveis em exemplos como Roma, Versalhes e Paris: via reta, diagonal barroca, trivium e polyvium, boulevards e avenidas, uniformidade e continuidade visual, eixos cerimoniais, variedade na unidade, vistas, marcos e monumentos (Kostof, 1991).

A via reta, que promove a ordem e a velocidade, reorganiza traçados irregulares e é a menor distância entre dois pontos. A diagonal barroca, que é a imposição de via reta sobre tecido urbano pré-existente, em ângulo que difere da ortogonalidade. Trivium e polyvium, conjunto de três ou mais vias retas que divergem ou convergem para

um nó. Boulevards e avenidas, que são vias arborizadas, com calçadas largas e ajardinamento. Uniformidade e continuidade visual, proporcionada por edificações de mesma tipologia edilícia, com a noção de fachada contínua. Eixos cerimoniais, que são vias que conectam nós de caráter cívico, servindo como repositórios e locais de manifestação de poder. Variedade na unidade, com elementos como retas, diagonais, ângulos e visuais que provocam encantamento e surpresa ao usuário da cidade. Vistas, cenários com intenso senso de perspectiva. Marcos e monumentos, como arcos de triunfo, colunas comemorativas e estátuas, dispostos em pontos focais ou eixos cerimoniais (Kostof, 1991).

ARQUITETURA NEOCLÁSSICA, ARQUITETURA NEOGÓTICA E URBANISMO NO SÉCULO XVIII

No que se refere à arquitetura neoclássica, destacou-se a ascensão do iluminismo, movimento cultural em que a razão e a ética deveriam prevalecer sobre o sentimento, notadamente no século XVIII; os ideais humanistas vinculados ao período renascentista; a reação à linguagem exagerada e dramática do barroco; o templo da antiguidade clássica como principal fonte de inspiração; os avanços tecnológicos vinculados à Revolução Industrial e as descobertas arqueológicas que trouxeram o passado à tona, dissecando-o com precisão científica (Stevenson, 1998; Gypfel, 2001; Norberg Schulz, 2001; Pevsner, 2002; Zevi, 2002; Summerson, 2006; Glancey, 2007).

No que se refere à arquitetura neogótica, frissou-se o interesse pela idade média e pela literatura gótica, despertando um forte sentimento nacionalista na Inglaterra, em meados do século XVIII. Na França, os valores góticos prosperaram até meados do século XIX, notadamente devido à enorme popularidade da obra *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, culminando com a revalorização da estética gótica.

Além disso, foram explorados os grandes teóricos do neogótico, com destaque para os ingleses Augustus Pugin e John Ruskin e o francês Eugène Viollet-le-Duc.

Na primeira metade do século XIX, Pugin publicou uma série de livros que se tornariam ícones do neogótico, principalmente no que se refere à arquitetura religiosa, destacando que a estética gótica é a mais adequada às igrejas, opondo-se aos ideais clássicos. Além disso, defendeu a arte gótica como elemento fundamental, como modelo orientador para reformar a sociedade inglesa (ARGAN, 1977).

As idéias de Pugin tiveram grande influência sobre Ruskin e William Morris, este último a principal figura do movimento inglês *Arts and Crafts*, na segunda metade do século XIX, também baseado em interesse pelo passado e contra os princípios da mecanização industrial, evidenciando um sentimento anti-industrial.

Na segunda metade do século XIX, Ruskin complementou a teoria iniciada por Pugin, avançando na arquitetura civil, também publicando livros que se tornariam ícones do neogótico. Foi um dos precursores na preservação de edificações do passado, defendendo o ruinismo e o respeito aos materiais construtivos originais, admitindo intervenções pontuais para evitar sua ruína prematura (Oliveira, 2008). Assim como o ser humano, que nasce, cresce e morre, a edificação também tem um ciclo de vida que deve ser respeitado, e esta é a beleza da coisa edificada. Ruskin criticava, veementemente, os restauros liderados por Viollet-le-Duc.

Em meados do século XIX, Eugène Viollet-le-Duc foi o responsável pela restauração de algumas das edificações mais simbólicas da França como, por exemplo, a Catedral de Notre Dame, a cidade medieval de Carcassone, a abadia do Monte Saint-Michel, Sainte-Chapelle e a igreja de Saint-Denis, entre outras. Em seus restauros, considerava válido elevar a edificação a um grau de acabamento superior ao definido pelos criadores originais, não hesitando em substituir

elementos originais das edificações em restauro, alcançando um resultado diferente do original (SANTOS, 2005).

De acordo com os valores emergentes do século XIX, como a importância da máquina, novos materiais e técnicas construtivas, conectados à Revolução Industrial, Viollet-le-Duc acabou por combinar, por exemplo, metal e pedra em seus restauros, evidenciando um sentimento pró-industrial.

URBANISMO NO SÉCULO XVIII

Referente ao urbanismo no século XVIII, com valores que avançaram até meados do século XIX, de acordo com as especificidades de cada local, explorou-se a noção de cidade liberal (Benévolo, 1997, p. 567), termo utilizado para designar as cidades que se desenvolveram a partir da ascensão do liberalismo, que atingiu diferentes campos do pensamento humano, desde a liberdade do indivíduo na economia, política, religião e intelectual, refletindo-se também em liberdade urbana, com cidades desorganizadas e inabitáveis.

Assim, a cidade liberal cresceu a partir da sobreposição de iniciativas públicas e privadas, não organizadas e não reguladas pela municipalidade. Aumento da população, redistribuição de habitantes (rural x urbano), aumento da produção, desenvolvimento de meios de comunicação, rapidez nas transformações urbanas, desvalorização das formas tradicionais de controle público do ambiente construído, ruas estreitas, trânsito caótico, casas compactas para a classe baixa, relação centro (cidade antiga) versus periferia (cidade nova), homogeneidade da cidade antiga versus heterogeneidade da cidade nova, cortiços, diminuição de áreas verdes, adensamento de área construída, entre outros aspectos, são elementos conectados à noção de cidade liberal (Benévolo, 1997).

JARDIM FRANCÊS E JARDIM INGLÊS

No que se refere ao paisagismo, os conceitos estéticos desenvolvidos e difundidos no século XVII por André Le Nôtre caracterizaram o que se convencionou chamar de jardim francês. Já no século XVIII os ingleses, capitaneados por Lancelot “Capability” Brown, reagiram aos valores franceses e conceberam o que acabou sendo identificado como jardim inglês (Holmes, 2001).

Assim, no jardim francês prevaleceu a composição geométrica e rígida dos traçados, a planificação do terreno, os eixos de simetria, os caminhos largos e sem obstruções, a técnica da topiaria, adaptando a vegetação às formas ornamentais, e o uso intenso de pinheiros, com as características podas periódicas (Ferreira, 2020).

Já no jardim inglês, as principais características estão relacionadas às formas de concepção orgânica e de geometria irregular, topografia ondulante, abolição dos eixos de simetria, caminhos sinuosos e estreitos, abolição da topiaria, valorização de grandes arbustos e arborização de grande porte, uso de várias espécies vegetais, sem a necessidade de podas constantes, presença de gramados e bosques e criação de falsas ruínas (Ferreira, 2020), explorando o princípio de ruïnismo proposto por Ruskin (Oliveira, 2008).

VÍDEO DO 2º BIMESTRE

Para finalizar a parte teórica, trabalhou-se com um vídeo em sala de aula, avançando na reflexão sobre a arquitetura renascentista. No vídeo *Construindo um império: o mundo de Da Vinci* (History, 2006), com cerca de 44 minutos, foi explorada a construção da cúpula de base octogonal da catedral de Santa Maria del Fiori, em Florença (Itália), projetada e executada pelo ar-

quieto Filippo Brunelleschi, no século XV. Após o vídeo, com reflexão em nível coletivo e procurando envolver todos os acadêmicos, avançou-se para a avaliação parcial do 2º bimestre.

AVALIAÇÃO PARCIAL DO 2º BIMESTRE

A parcial 2, em equipe, foi uma prova presencial, mais precisamente de análise iconográfica crítica, com a classificação de edificações representativas em quatro grupos: românico, gótico, renascentista ou barroco.

Deste modo, o docente definiu um número máximo de 10 equipes, cada qual com 4 a 6 integrantes. A formação de equipes foi espontânea, sem a interferência do docente. Com as equipes formadas, a escolha dos envelopes, com as imagens de edificações para a classificação em estilos arquitetônicos, ocorreu por sorteio.

Conforme as equipes eram sorteadas, cada qual escolhia um envelope lacrado, com 18 imagens em preto e branco em seu interior. Cada imagem era numerada, bastante à equipe evidenciar o estilo dominante de cada imagem em uma folha à parte. Antes de abrir o envelope e iniciar o trabalho, a equipe deveria decidir qual seria o nível de nota máxima a ser alcançado:

- Nota 10: a equipe deveria permanecer em sala de aula, sob a supervisão do professor, sem possibilidade de consulta às anotações pessoais em caderno e aos textos de leitura obrigatória;

- Nota 8,5: a equipe poderia se ausentar da sala de aula, com indicação de permanência na biblioteca da instituição, e possibilidade de consulta às anotações pessoais, livros, internet etc.;

- Nota 7: a equipe poderia se ausentar da sala de aula, com possibilidade irrestrita de consulta, além de bônus referente à quantidade de exemplares de cada estilo existente em seu envelope. Sabendo o número exato, bastaria à equipe fazer a correta amarração entre imagem e respectivo estilo arquitetônico.

Independente do envelope escolhido, o importante para o docente foi o desenvolvimento da capacidade de analisar e classificar as imagens, exercitando habilidades importantes como caracterizar e diferenciar os estilos arquitetônicos explorados em sala de aula.

Com imagens das edificações e amarração dos respectivos estilos em mãos, o resultado do processo avaliativo ocorreu no momento da devolução do envelope ao professor, na presença dos integrantes de cada equipe, com possibilidade de argumentação em caso de dúvida. Este processo avaliativo destacou a necessidade do acadêmico desenvolver um olhar crítico sobre a produção arquitetônica ao longo do tempo, considerando a disciplina como uma grande matriz de estudo de caso (Boaventura, 2012; Danielski, 2019).

Assim, o estudo de caso, como parte de um raciocínio teórico, auxilia no desenvolvimento de um repertório de possibilidades e, conseqüentemente, da criatividade do acadêmico. A compreensão daquilo que já foi projetado no passado e presente, através de análise visual da composição arquitetônica, que é um dos aspectos abordados em estudo de caso, é fundamental para avançar em termos de proposta arquitetônica e atender as futuras necessidades de uma clientela cada vez mais exigente.

AVALIAÇÃO OFICIAL DO 2º BIMESTRE

No que se refere à avaliação oficial 2, esta foi aplicada de forma presencial, individual e sem consulta, englobando questões objetivas, podendo ser de múltipla escolha, análise de sentenças, verdadeiro ou falso, além de questões discursivas, procurando apresentar ao acadêmico uma realidade de avaliação comumente explorada em concursos públicos e ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Desse modo, a finalização do 2º bimestre ocorreu com esta avaliação (FAVINCI, 2016a e 2016b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta em aplicar a disciplina com foco em habilidades e competências voltadas ao perfil profissional, principalmente nas avaliações parciais 1 e 2, ambas em equipe, considerou-se que os resultados alcançaram as expectativas do docente. Além da análise textual crítica, com ênfase no primeiro bimestre, e da análise iconográfica crítica, com ênfase no segundo bimestre, o docente optou em intensificar as relações sociais entre os acadêmicos no momento aula, priorizando as atividades presenciais na instituição.

Isto pôde ser observado na produção acadêmica relativa à avaliação parcial 1 (principais características e diferenças entre igrejas românicas e góticas) e à avaliação parcial 2 (classificação de

edificações em estilos arquitetônicos: românico, gótico, renascentista ou barroco), possibilitando que o acadêmico desenvolvesse o poder de argumentação, consenso e síntese.

Particularmente na parcial 2, todas as equipes optaram, como o nível de nota máxima a ser alcançada, a nota 10, permanecendo em sala de aula, sob a supervisão do professor e sem possibilidade de consulta às anotações pessoais em caderno e aos textos de leitura obrigatória, durante o período de avaliação.

Ou seja, com estas avaliações em grupo, além das reflexões oriundas dos vídeos trabalhados em sala de aula, pretendeu-se que o ato de socializar, de trocar informações entre seus pares, extrapolasse a condição de avaliação, almejando uma situação comumente observada na rotina profissional de arquiteto e urbanista: trabalho em equipe.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. **El pasado en el presente**: el revival en las artes plasticas, la arquitectura, el cine y el teatro. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BOAVENTURA, D. M. R. **Análise dos projetos**: arquitetônico/ urbano. Guia para estudo do projeto e estudos de caso. Slides da disciplina Teoria e História da Arquitetura V. Aula de 5 set. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9333326-05-09-12-analise-dos-projetos-arquitetonico-urbano-guia-para-estudo-do-projeto-e-estudos-de-caso.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

DANIELSKI, M. Introdução ao projeto de arquitetura e urbanismo: apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de arquitetura e urbanismo. **Maiêutica Urbanidades**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 21-33, 2019. Disponível em: <http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/URB/article/view/2024/952>. Acesso em: 19 out. 2023.

DANIELSKI, M. Teoria do urbanismo: apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de arquitetura e urbanismo. **Maiêutica Urbanidades**, Indaial, v. 4, n. 01, p. 33-53, 2020. Disponível em: <http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/URB/article/view/2066/972>. Acesso em: 19 out. 2023.

FAVINCI - FACULDADE LEONARDO DA VINCI. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Cronograma da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo II**. Timbó. 1. sem. 2016a.

FAVINCI - FACULDADE LEONARDO DA VINCI. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Plano de ensino da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo II**. Timbó. 1. sem. 2016b.

FAVINCI - FACULDADE LEONARDO DA VINCI. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. Núcleo docente estruturante - NDE. **Projeto pedagógico do curso - PPC**. Timbó. 1. sem. 2016c.

FERREIRA, T. C. **Paisagismo**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GOITIA, F. C. *et al.* **História geral da arte**: arquitetura. Espanha: Ediciones del Prado, 1995.

GYMPEL, J. **História da arquitetura**. Da antiguidade aos nossos dias. Alemanha: Könemann, 2001.

HISTORY Channel. Construindo um império. O mundo de Da Vinci. EUA: **The History Channel**, 2006. 44 min. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x3p11ac>. Acesso em: 19 out. 2023.

HOLMES, C. **Icons of Garden Design**. London: Prestel, 2001.

KOSTOF, S. **The city shaped**: urban patterns and meanings through history. London: Thames & Hudson, 1991.

LEMOS, C. A. C. **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEWIS, M. **Illustrated lectures**. Disponível em: <https://www.mileslewis.net/illustrated-contents/>. Acesso em: 19 out. 2023.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NATGEO. O enigma das catedrais góticas. Direção de Scott Tiffany. Boston: **WGBH Educacional Foundation**, 2010. 45 min. Disponível em: https://youtu.be/V3TaEbfXu_g. Acesso em: 19 out. 2023.

NORBERG SCHULZ, C. **Arquitetura ocidental**. 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

OLIVEIRA, R. P. D. O pensamento de John Ruskin. **Resenhas online**, São Paulo, ano 7, n. 074.03, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>. Acesso em: 19 out. 2023.

PEVSNER, N. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POLIÃO, M. V. **Tratado de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, A. C. M. dos. Viollet-le-Duc e o conceito moderno de restauração. **Resenhas online**, São Paulo, ano 4, n. 044.01, Vitruvius, ago. 2005. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.044/3153>. Acesso em: 19 out. 2023.

STEVENSON, N. **Para entender a arquitetura**. São Paulo: Ática, 1998.

SUMMERSON, J. **A linguagem clássica da arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.